

*Ele [Brecht] soube provocar crises salutares**

György Lukács

Os escritores marcantes que nos precederam – Ibsen e Tchekhov – pensavam que a literatura teria como única missão colocar questões razoáveis à realidade contemporânea, de sua época, e aos homens de seu tempo.

Os escritores burgueses continuaram alegremente nessa via: a nova geração mais radicalmente ainda que a precedente. Assim, a literatura banuiu de sua língua, de sua forma, poderíamos dizer de suas categorias, toda preocupação de resposta. A questão única, abstrata, tornada fim em si atomizou o universo poético, e fez um jogo confuso de moléculas imponderáveis sem relação entre si.

Era fácil compreender qual perigo tal método escondia. E aconteceu com frequência que os melhores de nossos escritores replicaram essa maneira negativa e abstrata de colocar as questões, rivalizando eles mesmos com as abstrações. Se, por um lado, a questão teria feito esquecer a resposta, por outro, a resposta dogmática dissipou toda investigação, toda questão.

Com instinto, por ser um grande escritor, Brecht soube encontrar o real equilíbrio. Seus dramas, seus poemas põem questões com todo o rigor necessário, questões de uma intensidade abatedora que, com segurança e profundidade, levantam problemas atuais, portanto mal conhecidos. Mas, por detrás dessa vaga de interrogações, perfila sempre a certeza inabalável da resposta final, da verdadeira perspectiva.

Constrangendo, pela violência de sua poesia, cada um dentre nós a fazer seu próprio exame – ao mesmo tempo em que nele esse exame das responsabilidades pessoais se move sempre pela crítica da realidade social –, Brecht provocou crises salutares entre milhares e milhares de homens.

Todas essas questões concentram-se em nosso tempo com suas particularidades próprias: nisso reside sua originalidade intrínseca. Todas as questões que ele levanta – e a resposta que as justifica – nascem dessa necessidade permanente da humanidade de se liberar da indignidade na qual ela procura edificar na vida social uma pátria à medida do homem: é isto que o vincula intimamente às grandes tradições da literatura.

Pouco importa, portanto, que o próprio Brecht por vezes tenha colocado o acento sobre as exigências da atualidade e que tenha acreditado dever rejeitar os laços que o uniam ao passado. Em suas melhores obras esta unidade existe.

Brecht é um verdadeiro dramaturgo. Seu desígnio mais profundo é transformar as massas, os espectadores e os ouvintes de suas peças. Quando deixam o teatro, eles não devem somente ser sacudidos, mas transformados: orientados praticamente para o bem, a lucidez consciente, a ação, o progresso. O efeito estético tem por função produzir uma conversão moral, social.

Ora, estaria aí a significação última da “catarse” aristotélica. Ela deveria – é assim que a interpretava Lênin, com razão – elevar a emoção até facilitar a ação moral! E é porque tal seria também a vontade de Brecht, que a realizou em suas melhores peças, que ele é um verdadeiro autor dramático. Depois de Ibsen, Tchekhov e Bernard Shaw, é Brecht que, em nossa época, põe esse problema “eterno”, dando-lhe conteúdos atuais e uma forma nascida desses conteúdos.

Donde sua ação extraordinária e que invade as fronteiras de um partido e de um estado. Donde a perda imensa que representa sua morte prematura. Mas é aí também que nós poríamos essa certeza consoladora: essa obra, mesmo rompida em pleno progresso, é e permanece nossa potencial aliada na luta por um futuro luminoso da humanidade.

* Notas de Lukács em homenagem a Brecht, publicadas na revista *Europe* n. 133-134, pp. 27-28, janvier-février 1957. O tomo da revista foi dedicado a Bertolt Brecht, por ocasião de sua morte prematura, ocorrida em 14 de agosto de 1956. Tradução de Ronaldo Vielmi Fortes.